

POSICIONAMENTOS DISCENTES E DOCENTES SOBRE A IDEIA DO QUE SEJA UM BOM PROFESSOR

Débora Aldyane Barbosa Carvalho¹
Antônia Bruna da Silva²
Nicolino Trompieri Filho³

RESUMO

O artigo apresenta posicionamentos docentes e discentes relacionados a ideia do que seja um bom professor, explicitando suas percepções em paralelo com a visão de especialistas - Cunha, (1989), Libâneo (2011), Imbernón (2011) entre outros, como também com o perfil profissional defendido nas diretrizes que orientam a formação de professores no Brasil. Além da pesquisa bibliográfica em torno da temática central deste estudo, recorreremos à pesquisa de campo exploratória com o propósito de investigar como os discentes concludentes e os docentes do curso de Pedagogia de uma instituição de ensino superior privada do estado do Ceará se posicionam em relação a este questionamento. Os resultados do estudo indicaram que o parâmetro do que seja um bom professor foi demarcado de acordo com o imaginário dos sujeitos investigados, variando os juízos conforme a subjetividade de cada um. Foi consenso entre os pesquisados que ser um bom professor é uma tarefa difícil ou até mesmo muito difícil, justificada pelos desafios do trabalho docente como, por exemplo, a desvalorização social da profissão e as rápidas transformações que perpassam a sociedade e a escola. Tomando como referência o julgamento do que é um bom professor, boa parte dos pesquisados (54,5%) acreditam que no exercício docente um bom professor elege a aprendizagem dos educandos como a sua preocupação central. A aprendizagem também é citada por uma outra parcela de registros (18,2%) que apontam que um bom professor se preocupa com metodologias em prol de uma aprendizagem satisfatória. Ademais, outros aspectos são citados como as especificidades do aluno e autoavaliação docente. Apesar das confluências existentes, reconhecemos que tanto no plano teórico quanto no prático não existe unidade de pensamento em torno da ideia do que configura um bom professor.

Palavras-chaves: Bom professor. Discente. Docente.

¹ Doutoranda em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará - UFC; Mestra em Educação Brasileira (UFC); Vinculada ao Núcleo de Avaliação Educacional (NAVE); Especialista em Didática (UNICE). Professora da Rede Pública Municipal de Jaguaruana - CE. E-mail: deboraldyane@yahoo.com.br

² Doutoranda em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará - UFC; Mestra em Educação Brasileira (UFC); Vinculada ao Núcleo de Avaliação Educacional (NAVE). E-mail: brun.silwa@gmail.com

³ Doutor em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC); Orientador de Mestrado e Doutorado da Faculdade de Educação da UFC. E-mail: trompieri@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

Não é demais dizer que o ser humano acaba tecendo juízos de valor sobre as coisas, de forma consciente e/ou inconscientemente. Quando assistimos a um filme, quando experimentamos uma comida, quando lemos um livro, quando conhecemos um novo local, acabamos julgando esses elementos como bons ou ruins, satisfatórios ou insatisfatórios.

O mesmo acontece no processo de ensino-aprendizagem tanto na ótica do professor em relação ao aluno, quanto na visão do aluno em relação ao professor. Contudo, não é tarefa simplista atribuir o conceito de valor para estabelecer um parâmetro que possibilite uma representação de forma fidedigna, tendo em vista que a definição do que seja um bom professor é delineada a partir da subjetividade dos sujeitos avaliadores. Partindo desse entendimento, este estudo que se propôs a investigar como os discentes concludentes e os docentes do curso de Pedagogia se posicionam em relação à questões vinculadas à ideia do que seja um bom professor, explicitando o fenômeno mediante os seguintes questionamentos: O que caracteriza um bom professor? Ser um bom professor é uma tarefa muito fácil, fácil, difícil ou muito difícil? No exercício docente um bom professor deve se preocupar com o quê?

Além desta introdução, o estudo está organizado em cinco seções. Na seção 2, discutimos acerca do perfil de um bom professor a partir da perspectiva de estudiosos no assunto e dos documentos oficiais. Reservamos a seção 3 para a descrição dos procedimentos metodológicos. A seção 4 apresenta os resultados do estudo, a seção 5 contém as nossas considerações finais e a seção 6 apresenta as referências da pesquisa.

2 PERFIL DE UM BOM PROFESSOR NA ÓTICA DE ESTUDIOSOS E EM DOCUMENTOS OFICIAIS

Discutir o perfil do bom professor é uma tarefa complexa pois, acredita-se que para defini-lo é essencial um (re)pensar sobre as expectativas do ensino e da aprendizagem nos diversos contextos sociais ao longo da história, associando-o ao pensamento pedagógico desenvolvido, haja vista que “BONS PROFESSORES são os melhores dentro de uma concepção de educação, de ensino e de aprendizagem” (CUNHA, 1989, p.169). Nesses termos, ao passo em que o paradigma educacional historicamente é modificado, é provável que haja novas concepções associadas ao perfil do bom professor. Assim,

entendemos que para caracterizar esse perfil é preciso considerar diversos aspectos que vão da formação inicial para o magistério à prática pedagógica.

Além disso, esse perfil vai variar de uma tendência pedagógica para outra. Considerando a possibilidade dessa analogia, a abordagem da Pedagogia Liberal nas tendências pedagógicas tradicional, progressivista, renovada não-diretiva e tecnicista, um bom professor pode estar associado ao perfil de um profissional que: demonstra autoridade e exige comportamento receptivo para absorver o conteúdo ministrado em forma de verdade absoluta pelo docente, pode ser considerado como àquele que intervém para auxiliar o desenvolvimento dos alunos na perspectiva em que o método de ensino se fundamenta no aprender pela ação do fazer, se caracteriza como um profissional facilitador, capaz de garantir um clima relacional que contribua para favorecer o autodesenvolvimento do aluno, ou ainda como administrador da transmissão do conteúdo de forma eficiente conforme a instrução efetiva para a aprendizagem.

Já na Pedagogia progressista este, o professor, pode ser considerado como um mediador que através do diálogo envolve ativamente os estudantes ao ato de conhecer ou ainda, como um orientador que conduz o conhecimento através das vivências do grupo (LUCKESI, 2005).

A ideia de um bom professor, de acordo com Cunha (1989), varia entre os alunos, pois essa percepção está associada com as concepções individuais de cada sujeito, levando em consideração, ainda, que na escola, em algum momento, se determina em algum grau a situação do aluno, o que leva a situações em que se fazem necessário algumas ações docentes. Nesse pensamento, o professor que contribui para superação dessas necessidades apresenta maior chance de ser considerado um bom professor.

Ressalta-se, contudo, que para discutir a visão de alunos e docentes acerca dos conceitos do que seja um bom professor, é essencial, num primeiro plano, conhecer a visão de estudiosos no assunto, como também o perfil estabelecido nos documentos oficiais que orientam a formação dos professores, em especial dos egressos em Pedagogia para estabelecer um parâmetro que facilite a descrição das características que compõe o perfil profissional do bom docente, objeto de estudo desse artigo.

Na concepção de especialistas o professor pode ser definido como um profissional competente no sentido de: 1) organizar e dirigir as situações de aprendizagem;

2) envolver os alunos nas diversas situações possibilitando que os dispositivos de diferenciação evoluam; 3) participar da administração da escola; 4) utilizar as tecnologias da informação e comunicação; 5) ser ético; 6) conduzir sua própria formação contínua, (PERRENOUD, 2000); 7) cuidar da aprendizagem dando apoio, motivação, orientação e avaliação (DEMO, 2009).

Para Libâneo (2011), o professor que atenda às exigências educacionais contemporâneas deve ter uma sólida cultura geral, ser capaz de aprender a aprender, saiba agir em sala de aula, possua habilidade comunicativa e prática pedagógica aliada as mídias e multimídias, domine a linguagem informacional e dos meios de comunicação. Ou seja, um ser dotado de atitudes que assuma o ensino como mediação, pratique a interdisciplinaridade, desenvolva estratégias para ensinar a pensar e a aprender a aprender de forma crítico-reflexiva, respeitando a diversidade e integrando ao exercício da docência a dimensão afetiva pela orientação em valores.

Por sua vez, Imbernón (2011) entende o docente como um profissional que domina uma série de capacidades e habilidades especializadas que o fazem ser competente. Outrossim, Darling Hammond (2011, p. 200) “define a qualidade dos professores como um conjunto de características pessoais, de competências e modos de compreensão que o indivíduo traz para o ensino”.

Parece-nos importante destacar que o perfil do professor também é estabelecido nos documentos oficiais que regimentam a formação de professores no Brasil. Na portaria nº 263, de 02 de junho de 2014 emitida pelo Instituto de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP)

[...] a atuação do Pedagogo pressupõe postura profissional ética; compreensão do contexto sociocultural, político, econômico e educacional; compromisso social para a construção de uma sociedade incluyente, equânime, justa e solidária; fundamentação epistemológica; atitude investigativa e de trabalho em equipe; compreensão da formação profissional como um processo contínuo”. (BRASIL, 2014, p.1)

O exercício da docência, adotado nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior nas licenciaturas (BRASIL, 2015), vê a ação do profissional do magistério para a educação básica permeada por dimensões técnicas, políticas, éticas e estéticas e requer uma sólida formação, envolvendo o domínio e manejo

de conteúdos e metodologias, diversas linguagens, tecnologias e inovações, contribuindo para ampliar a visão e a atuação desse profissional.

Do mesmo modo, Bauer (2013) chama atenção para o fato de que o conceito de valor possui dimensões distintas pelas quais o objeto pode ser julgado que precisam a priori serem diferenciadas, são elas: o mérito e o valor contextual.

O mérito é entendido como a dimensão que considera os atributos intrínsecos, os padrões estabelecidos. Sua valoração independe do contexto e está diretamente associado às habilidades individuais relacionadas ao fazer docente (investigação de habilidades cognitivas, conhecimento do conteúdo disciplinar que ministra, sua capacidade didática, etc.).

Já o valor contextual refere-se ao valor do objeto avaliado para seu contexto por meio de uma diversidade de variáveis consideradas importantes em cada ambiente ou coletivo de pessoas.

Diante dessa possibilidade de análise, tomando como referência as dimensões que compõe o conceito de valor os critérios de diversas ordens são pré-estabelecidos de forma a parametrizar o instrumento que servirá de suporte à avaliação. Todavia, percebemos na literatura que as concepções inerentes ao bom professor geralmente, se configuram na dimensão de mérito.

Em face dessa idealização, as concepções acima mencionadas qualificam o professor como alguém que pensa, convive, sente e faz. Por isso, é provável que a imagem do bom professor circunde na qualificação cognitiva para sua atuação profissional, nos valores que defende e pratica, na forma com que se relaciona com seus alunos, bem como nas habilidades com que desenvolve a ação pedagógica que constituem o docente. Nesse sentido, concorda-se com Libâneo e Pimenta (2009, p. 262) quando afirmam que “o professor é um profissional do humano”.

Basso (1998, p.6) ao fazer uma analogia dos resultados de pesquisas sobre o bom professor (KRAMER e ANDRÉ, 1984; CUNHA, M.I. 1988; PIMENTEL, 1993) - defende que os professores considerados como bem-sucedidos

[...] são aqueles que conseguem integrar significado e sentido. São professores com uma formação adequada que inclui a compreensão do significado de seu trabalho e que, encontrando melhores condições objetivas ou lutando muito por elas, e, em alguns casos, contando com apoio institucional, concretizam uma prática pedagógica mais eficiente e menos alienante.

A percepção do que vem a ser um bom professor também foi investigada por Ragel (1994) em sua pesquisa desenvolvida com pais, alunos, professores e funcionários de uma escola pública e uma particular do Rio de Janeiro e chegou a conclusão diante das representações obtidas de que o bom professor “sabe o que ensina”, possui raciocínio crítico, é conhecedor do valor do “direito político do cidadão”.

Outro estudo realizado por Cunha (1996), com o mesmo tema, constatou que os aspectos afetivos foram os que mais contaram na definição do bom professor, nesse sentido, a ideia de bom professor está relacionada com expressões como: “é amigo”; “é compreensivo”; “é gente como a gente”; “se preocupa conosco”; “é disponível mesmo fora da sala de aula”.

Resultado compatível com o estudo de Cunha (1996) foi obtido por Souza (2003) em uma pesquisa realizada com um grupo de alunos do curso de Odontologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais sobre as representações, características e atitudes de que vem a ser um bom professor e concluiu que essa concepção na ótica dos sujeitos investigados se fundamentou nos saberes associados à capacidade de transmissão de conteúdos e à características inerentes ao comportamento relacional/afetivo.

Mais do que uma mera convenção da pesquisa nas ciências humanas, o acesso aos estudos supracitados revelou-se indispensável para nos certificamos de quão complexa é a profissão docente. Antes de discutir os resultados obtidos, passemos aos procedimentos metodológicos adotados nesta investigação.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Além da pesquisa bibliográfica em torno da temática central deste estudo, com vistas a investigar como os discentes concludentes e os docentes do curso de Pedagogia se posicionam em relação à questões vinculadas à ideia do que seja um bom professor optou-se em realizar uma pesquisa de campo exploratória, tendo como referência uma Instituição pertencente a rede particular do Ensino Superior, localizada no estado do Ceará.

Os sujeitos da pesquisa são professores que lecionam no Curso de Pedagogia da referida IES e alunos do curso supracitado concludentes no semestre letivo 2015.2, com isso evidenciamos os posicionamentos dos discentes recém-formados em torno do que vem a ser um bom docente em paralelo com a visão daqueles que foram seus professores ao longo do curso.

Os dados da pesquisa foram coletados por meio do formulário *online* elaborado com o auxílio do *software* aplicativo *Google Docs*. O instrumento, composto por dez perguntas, quatro questões abertas e quatro fechadas. A população investigada correspondeu a um universo de 35 alunos e 14 professores, destes responderam ao instrumento 13 estudantes e 9 docentes.

A partir do banco de dados armazenado na plataforma do *Google Docs* foi possível avançar para a análise de dados. No tratamento das respostas fornecidas às questões abertas recorreremos à análise de conteúdo, seguindo as recomendações de Matos e Vieira (2001), o que significa dizer que procedeu-se à construção de categorias com base nos dados coletados. Feito isso, os registros qualitativos foram exportados para o programa SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*) for Windows versão 20.0 que auxiliou na análise descritiva.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 Caracterização dos pesquisados

Os docentes pesquisados têm entre 35 a 52 anos de idade, possuindo a titulação de Mestre (6) ou Especialistas (3). A maioria dos docentes é sexo feminino (7).

À semelhança dos docentes, a maioria (11) dos discentes também pertence ao sexo feminino, possuindo apenas dois integrantes do sexo masculino. Convém assinalar que mesmo sem ter concluído o curso, boa parte (46,2%) dos discentes afirmaram que já atuavam como professor.

4.2 Sobre a ideia de ser um bom professor

Com um propósito demasiadamente provocativo partindo do conceito “professor”, agregamos uma qualificação “bom” e lançamos o desafio aos sujeitos de nossa pesquisa de caracterizar o que vem a ser um bom professor, como se propusemos uma mera equação

(bom + professor =). A partir das respostas dos pesquisados construímos categorias de resposta e as apresentamos, intencionalmente, nas tabelas a seguir:

Tabela 1 - O que caracteriza um bom professor?

Um bom professor...	Docente	Discente	Total
Estabelece um bom relacionamento com o aluno	2 (22,2%)	1 (7,7%)	3 (13,6%)
Respeita o educando	3 (33,3%)	2 (15,4%)	5 (22,7%)
Mantém um vínculo afetivo com os alunos	1 (11,1%)	1 (7,7%)	2 (9,1%)
Preocupa-se com a aprendizagem dos educandos	0 (0,0%)	3 (23,1%)	3 (13,6%)
Incentiva os alunos a se apropriarem do conhecimento	1 (11,1%)	2 (15,4%)	3 (13,6%)
Adéqua a metodologia de ensino ao conteúdo/às dificuldades dos alunos	0 (0,0%)	2 (15,4%)	2 (9,1%)
Tem didática	0 (0,0%)	3 (23,1%)	3 (13,6%)
Utiliza-se da pesquisa/estudo	3 (33,3%)	4 (30,8%)	7 (31,8%)
Trabalha com amor/Gosta de ser professor	1 (11,1%)	4 (30,8%)	5 (22,7%)
Exerce liderança	2 (22,2%)	0 (0,0%)	2 (9,1%)
Tem compromisso/responsabilidade	4 (44,4%)	1 (7,7%)	5 (22,7%)
Tem equilíbrio emocional	0 (0,0%)	1 (7,7%)	1 (4,5%)
Domina o conteúdo	1 (11,1%)	0 (0,0%)	1 (4,5%)
Tem competência	1 (11,1%)	1 (7,7%)	2 (9,1%)
Tem flexibilidade/dinamismo	2 (22,2%)	1 (7,7%)	3 (13,6%)
Tem ética	1 (11,1%)	0 (0,0%)	1 (4,5%)

Fonte: Elaborada pelos pesquisadores (2016).

Boa parte (45,4%) das informações obtidas associam a ideia de um bom professor às habilidades interpessoais, como pode ser evidenciado nas três categorias iniciais na tabela e, sobretudo, nos registros abaixo:

Um bom professor é aquele capaz de compartilhar conhecimentos, de saber ouvir e se socializar com alunos e colegas de profissão. É aquele que ao entrar numa sala de aula se entrega ao que faz com amor, dedicação e respeito para com o outro (Docente 2).

Um bom professor é aquele que tem compromisso com o ensino aprendizagem, com a formação permanente, com a boa interação com o aluno e está sempre aberto para novos conhecimentos (Docente 9).

...ser carinhosa está sempre de bom humor, ser um bom professor é enxergar cada potencial, de cada criança tem dentro da sala ser um profissional bom e amar todos os alunos (Discente 5).

Essa característica relacional associada ao caráter afetivo também foi evidenciada nas pesquisas desenvolvidas por Ragel (1994), Cunha (2006) e Souza (2003). Os aspectos citados pelos pesquisados são tratados ainda por Tardif e Lessard (2009, p. 258) que ao se reportarem fundamentos interativos da docência destacaram a afetividade do objeto (aluno) e a relação com o objeto como um elemento essencial do trabalho docente, para eles

[...] em boa medida, o trabalho docente repousa sobre emoções, afetos, sobre a capacidade não só de pensar nos alunos, mas de perceber e sentir suas emoções, seus temores, suas alegrias, seus próprios traumas, etc. O professor experiente sabe tocar o piano das emoções do grupo, provoca entusiasmo, sabe envolvê-los na tarefa, etc.

Parece-nos relevante enfatizar que o cuidado em adequar a metodologia de ensino ao conteúdo e/ou às dificuldades dos alunos em prol da aprendizagem foi citado com uma atribuição de um bom professor apenas pelos discentes. Mais precisamente, alguns discentes defendem que um bom professor: Preocupa-se com a aprendizagem dos educandos (23,1%); Tem didática (23,1%); Adéqua a metodologia de ensino ao conteúdo/às dificuldades dos alunos (15,4%), conforme expressam os trechos abaixo:

A responsabilidade para com cada um de sua sala de aula, principalmente com aqueles que é notável as suas dificuldades de aprendizagem, buscar até o último momento uma maneira de ajudá-los (Discente 3).

Um bom professor precisa estar apto para transmitir o conteúdo de forma adequada, o mesmo precisa saber a melhor maneira de passar o conteúdo (Discente 6).

...Com uma ótima didática e capaz de alcançar o objetivo principal que é a aprendizagem dos alunos (Discente 9).

Os achados remetem a percepção de que os sujeitos investigados parecem concentrar suas concepções na visão da Pedagogia Progressista em que o professor é considerado mediador e capaz de envolver o grupo, agregado ao valor contextual que este representa para cada um, conforme pode-se observar a seguir:

Um bom professor é aquele capaz de compartilhar conhecimentos, de saber ouvir e se socializar com alunos e colegas de profissão. É aquele que ao entrar numa sala de aula se entrega ao que faz com amor, dedicação e respeito para com o outro. É um estudioso, em busca sempre de novos conhecimento e propostas metodológicas que influenciem positivamente no processo ensino-aprendizagem. (Docente 2)

Ser conhecedor de seus alunos para que possa transmitir conhecimentos de forma prazerosa e eficaz. Sabe lidar com as dificuldades dos seus educandos, e procura dar suporte a eles. É importante também que o professor trabalhe com amor e prazer, para fluir coisas boas na educação. (Discente 7)

Como pode ser observado, de modo geral, os posicionamentos dos pesquisados dialogam com as considerações dos documentos oficiais e dos estudiosos no assunto (LIBÂNEO, 2011; IMBERNÓN, 2011; DARLING HAMMOND, 2011; DEMO, 2009; PERRENOUD, 2000), uma vez que, expressam dimensões de mérito e de valor contextual, valorando o bom professor como um profissional com características técnicas, políticas, éticas, estéticas e detentor de uma sólida formação teórico-prática necessária ao magistério.

Além de investigarmos a concepção que os pesquisados tinham em torno do perfil de um professor tido como bom, procuramos saber se ser um bom professor era muito fácil, fácil, difícil ou muito difícil. Diante desse questionamento, concentrada parcela de docentes e discentes (63,6%) afirmaram que ser um bom professor é uma tarefa difícil (Tabela 2).

Tabela 2 - Ser um bom professor é uma tarefa:

	Docente	Discente	Total
Muito fácil	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)
Fácil	2 (22,2%)	0 (0%)	2 (9,1%)
Difícil	5 (55,6%)	9 (69,2%)	14 (63,6%)
Muito difícil	2 (22,2%)	4 (30,8%)	6 (27,3%)
Total	9 (100%)	13 (100%)	22 (100%)

Fonte: Elaborada pelos pesquisadores (2016).

Para melhor alcançar os propósitos deste estudo, no instrumento de coleta de dados solicitamos aos respondentes que justificassem a resposta fornecida à questão anterior (Tabela 3).

Tabela 3 – Justificativa

Ser um bom professor é uma tarefa...	pois...	Frequência
fácil	quando se gosta/ama o exercício docente, ele não se torna difícil	2 (9,1%)
difícil/muito difícil	requer tempo para investir na formação	4 (18,2%)
difícil	despertar o interesse dos alunos pelo conhecimento é uma tarefa árdua	1 (4,5%)
difícil	promover uma aprendizagem de qualidade é um desafio	1 (4,5%)
muito difícil	envolve conhecer o processo de ensino e aprendizagem	1 (4,5%)
difícil	mobiliza várias habilidades e competências continuamente	1 (4,5%)
difícil	concentra muitas atribuições	1 (4,5%)
muito difícil	requer tempo para planejar	1 (4,5%)

Tabela 3 – Justificativa/Continuação

difícil	por lidar com o ser humano	2 (9,1%)
muito difícil	conta com a indisciplina do aluno	1 (4,5%)
difícil/muito difícil	requer dedicação, determinação, responsabilidade e disponibilidade	4 (18,2%)
difícil/muito difícil	a realidade impõe novos desafios constantemente	2 (9,1%)
difícil/muito difícil	falta reconhecimento, respeito e valorização social da profissão	3 (13,6%)
difícil	não respondeu a pergunta adequadamente	4 (18,2%)

Fonte: Elaborada pelos pesquisadores (2016).

Na análise empreendida às justificativas apresentadas, evidenciamos que para alguns pesquisados ser um bom professor se torna uma tarefa difícil ou muito difícil pois é requer tempo para investir na formação (18,2%). Os trechos a seguir contribuíram para a criação dessa categoria:

[...] envolve tempo para investir na profissão, na formação do ser educador, no ato de planejar, buscar tecnologias e metodologias ativas, entre outras questões (Docente 1).

porque ser um bom professor não é apenas ensinar, é ter responsabilidade, é ter que está sempre estudando e se atualizando para então não ser repetitivo em suas metodologias (Discente 6).

Em outros termos, além da carga horária de trabalho, os professores sentem a necessidade de investir na sua própria formação, segundo Tardif e Lessard (2009) na maioria dos países os professores têm elevado de modo expressivo a sua escolaridade.

Notamos também que boa parte (40,6%) dos pesquisados que reconhecem a dificuldade da tarefa associam-na a especificidades vinculadas ao exercício docente, conforme expressam os registros abaixo:

Fazer com que os alunos despertem o interesse pelo conhecimento científico é tarefa muito árdua, porque requer destes dedicação aos estudos e muita leitura (Docente 5).

É difícil porque é um grande desafio promover uma aprendizagem de qualidade com todos os aspectos que envolvidos no espaço da sala de aula (Docente 4).

...pela a indisciplina do aluno que a cada dia vem trazendo mais prejuízos ao trabalho do professor (Discente 1).

É uma tarefa difícil pelo fato de lidarmos com o ser humano, agradamos a uns e outros nunca, mais sempre na busca por melhorias, todos as aulas devem ser únicas e proveitosas mesmo perante o estresse, os inúmeros compromissos nunca deixá-los em segundo plano, já que nossos alunos são o nosso foco como pedagogos (Discente 3).

...é difícil porque é muita coisa para um só professor (Discente 13).

Ao que tudo indica, o que torna o trabalho docente complexo, não é tanto a diversidade de tarefas dos professores, a complexidade desse trabalho decorre de seu objeto de trabalho: seres humanos que precisam cooperar na tarefa. Sem dúvidas, a docência é uma prática com seres humanos, sobre seres humanos, para seres humanos (TARDIF e LESSARD, 2009).

As justificativas de alguns dos pesquisados (13,6%) se pautam na desvalorização social da profissão, observe:

Também é muito forte ainda a falta de reconhecimento e valorização social, assim como o respeito por esta profissão que considero de extrema importância para a formação cidadã (Docente 2).

Para ser um bom professor são necessárias duas questões essenciais: humildade e reconhecimento externo. Ambos quesitos são historicamente construídos e demandam bastante tempo. Logo, o bom professor é um produto da longa duração (Docente 3).

Primeiro por não se ter uma valorização a esse profissional... (Discente 1).

A dificuldade do trabalho docente foi explicada ainda pelas rápidas transformações que perpassam a sociedade, como bem assinalaram dois dos discentes pesquisados:

Atualmente o exercício da docência está cada vez mais complexo pelo fato que as escolas não conseguem acompanhar os passos da diversidade étnica, cultural, social e tecnológica dos alunos, por esse motivo vive um verdadeiro embate entre tradicionalismo e tecnologia (Discente 4).

...pois a cada ano nós temos novos desafios (Discente 9).

Com efeito, os professores têm, cada vez mais, a sensação de estar sendo constantemente ultrapassados em face da multiplicação de inovações e de técnicas e da velocidade com que são colocados e retirados de circulação objetos e saberes, certezas e ideias (TARDIF e LESSARD, 2009).

Sabemos que no exercício docente os professores têm uma finalidade e todas as suas ações, de uma maneira ou de outra, estão direcionadas para ela. Pensando nisso e como vistas a captar mais informações relativas à ideia que os pesquisados construíam acerca do bom professor perguntamos: No exercício docente um bom professor deve se preocupar com o quê? (Tabela 4).

Tabela 4 - No exercício docente um bom professor deve se preocupar com o quê?

No exercício docente um bom professor deve se preocupar com o quê?	Docente	Discente	Total
Com a aprendizagem do aluno	6 (66,7%)	6 (46,2%)	12 (54,5%)
Com metodologias que conduzam a uma aprendizagem satisfatória	0 (0,0%)	4 (30,8%)	4 (18,2%)
Com os conhecimentos prévios do aluno	1 (11,1%)	1 (7,7%)	2 (9,1%)
Com a situação intra e extraescolar dos alunos	0 (0,0%)	1 (7,7%)	1 (4,5%)
Conhecer a realidade dos alunos	0 (0,0%)	1 (7,7%)	1 (4,5%)
Com a compreensão do aluno como um ser complexo e formado no âmbito social, cultural, econômico e ideológico.	1 (11,1%)	0 (0,0%)	1 (4,5%)
Em manter uma boa relação com os discentes	1 (11,1%)	1 (7,7%)	2 (9,1%)
Com o alcance dos objetivos do ensino	0 (0,0%)	1 (7,7%)	1 (4,5%)
Mediar o processo de ensino-aprendizagem	1 (11,1%)	0 (0,0%)	1 (4,5%)
Com a autoavaliação de sua atuação	1 (11,1%)	1 (7,7%)	2 (9,1%)
Não respondeu a pergunta adequadamente	1 (11,1%)	2 (15,4%)	3 (13,6%)

Fonte: Elaborada pelos pesquisadores (2016).

Felizmente, mais da metade (54,5%) das respostas fornecidas fizeram menção à aprendizagem dos educandos, que é possível perceber:

Com a aprendizagem de seu aluno. Seja na educação básica, seja na educação superior (Docente 2).

Além da aprendizagem do(a) educando(a) - chave do processo ensino-aprendizagem, o bom professor ocupa-se também... (Docente 3).

Sem dúvida com a construção do processo de aprendizagem, associada a outros fatores que permeiam o desenvolvimento humano (Docente 4).

Com o progresso do aluno no âmbito intelectual, humanitário e na ação reflexiva dele, como ele reflete o que vê, ouve e fala (Docente 7).

Principalmente com o rendimento de seu aluno, nem o mais bagunceiro da turma deve repetir de ano, ou passar sem saber por falta de coragem em ajudá-lo e buscar por seu aprendizado (Discente 3).

Principalmente com aprendizado dos alunos (Discente 4).

Com muitas coisas, mas o principal é a aprendizagem do aluno (Discente 11).

O foco na aprendizagem também foi evidente na categoria “Com metodologias que conduzam a uma aprendizagem satisfatória” que concentrou a segunda maior (18,2%) frequência de respostas, como as que se seguem:

[...] nas metodologias que levem aos educandos uma aprendizagem satisfatória (Discente 1).

Um bom professor deve se preocupar em proporcionar aos alunos atividades que desenvolva um aprendizado satisfatório para todos os alunos, para que no final

do ano letivo obtenha um bom resultado. Também torna-se importante o professor conhecer as diferenças de cada aluno e a realidade dos mesmos para então aplicar a metodologia que melhor convenha a cada educando (Discente 6).
...Se seus alunos estão se desenvolvendo realmente; Em ser criativo para trabalhar de maneira adequada para seus alunos (Discente 7).
Deve se preocupar em se atualizar nas novas metodologias de ensino, procurar adaptar métodos em suas práticas tornando-as mais eficiente... (Discente 12).

Outro resultado que se revelou no estudo, foi a indicação da preocupação do bom professor com o aluno, seja considerando: os seus conhecimentos prévios (9,1%), a sua situação intra e extraescolar (4,5%), a sua realidade social (4,5%) ou até mesmo as suas características sociais, culturais, econômicas e ideológicas (4,5%), observe:

Com seus alunos, com o que se passa na cabeça dos mesmos... (Discente 1).
Com o bem-estar da sua turma, se todas as crianças estão bem, dentro e fora da escola (Discente 5).
Também torna-se importante o professor conhecer as diferenças de cada aluno e a realidade dos mesmos (Discente 7).
E, acima de tudo, compreendê-lo como um ser complexo e formado pelo social, cultural, econômico, ideológico (Docente 8).

Os pesquisados também citaram a preocupação com o bom relacionamento com os educandos, como bem destacou o registro abaixo:

O professor e professora devem se preocupar inicialmente em ter e manter uma boa relação com os discentes...(Docente 6).

Para outros pesquisados, a preocupação do bom professor se refere a aspectos vinculados à condução do ensino, a saber: o alcance dos objetivos do ensino (4,5%) e a mediação do processo de ensino-aprendizagem (4,5%). Ademais, também foi citado que um bom professor autoavalia a sua atuação (9,1%), mais precisamente, ele se preocupa:

[...] em se auto avaliar para saber se aquela aula planejada está fluindo bons resultados (Discente 7).

Grande parte das justificativas supracitadas está contida nas colocações de Pimenta (2013, p.14):

Ser professor requer saberes e conhecimentos científicos, pedagógicos, educacionais, sensibilidade da experiência, indagação teórica e criatividade para fazer frente às situações únicas, ambíguas, incertas, conflitivas e, por vezes, violetas, das situações de ensino, nos contextos escolares e não escolares.

Na busca pela concepção que represente o bom professor é importante que tenhamos sempre em mente que o parâmetro que o classifica é dinâmico pois, representa não apenas um profissional, porém, todo o contexto em que o ensino ocorre, considerando as diversas práticas pedagógicas, os ambientes de aprendizagem, os sujeitos envolvidos e as expectativas dessa formação. Desse modo, acreditamos na impossibilidade de uma definição imutável para o perfil de um bom professor.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dada a profundidade do tema, os registros dos pesquisados perpassam temas diversos como a desvalorização social do trabalho docente, o acúmulo de atribuições docentes, a necessidade de formação continuada do professor, a adoção da pesquisa em prol do processo de ensino-aprendizagem, a busca por metodologias que conduzam a uma aprendizagem satisfatória de acordo com o contexto.

No que concerne ao posicionamento de docentes e discentes sobre a idealização do que é um bom professor observamos que a qualificação atribuída pelos sujeitos assume um caráter subjetivo fundamentado num parâmetro particular, ou seja, cada investigado individualmente define as variáveis consciente e/ou inconscientemente em que se apoiará para a qualificação.

Nesse sentido, por mais esforço que façamos, por si sós, não conseguiremos afirmar em que(quais) elemento(s) os sujeitos investigados se basearam para responder aos questionamentos propostos, contudo isso não nos impossibilita de cogitar a respeito. Tomaram os sujeitos como referência: Professores que marcaram a vida escolar dos mesmos? Autores estudados ao longo do processo de formação? Ou até mesmo, as suas próprias práticas docentes?

O que sabemos é que o parâmetro do que seja um bom professor é demarcado de acordo com o imaginário dos sujeitos investigados, variando os juízos conforme a subjetividade de cada um. Isso posto, ser um bom professor não se trata de um status imutável, nem tampouco existe fórmula pronta para se alcançar tal qualificação. Além disso, essa qualificação deve considerar o contexto em que este profissional atua e as expectativas de aprendizagem que orientarão o ensino.

Nessa perspectiva, o perfil profissional docente que possa ser qualificado como bom professor na concepção dos vários sujeitos se aproxima do que é defendido nas

Diretrizes Curriculares para as licenciaturas, em que seu perfil deve ser composto por dimensões técnicas, políticas, éticas e estéticas, além de requerer uma sólida formação, envolvendo o domínio e manejo de conteúdos e metodologias, diversas linguagens, tecnologias e inovações, como também esta intimamente associado aos valores que este, o professor, representa para cada sujeito, considerando-o como um profissional pensante, com sentimentos, que executa as ações a partir da convivência com seus alunos, o que Libâneo e Pimenta (2009) defendem como “profissional do humano”.

REFERÊNCIAS

- BASSO, Itacy Salgado. **Significado e sentido do trabalho docente**. Cadernos Cedes, v. 19, n. 44, p. 19-32, 1998.
- BAUER, Adriana. **Avaliação de desempenho de professores**: pressupostos e abordagens. In: GATTI, Bernadete A. O trabalho docente: avaliação, valorização, controvérsias. (Org.). Coleção formação de professores. Campinas, SP: Autores Associados: Fundação Carlos Chagas, 2013. p. 5-70.
- BRASIL, **Portaria Inep nº 263**, de 02 de junho de 2014. Brasília: INEP, 2014. Disponível em:
http://download.inep.gov.br/educacao_superior/enade/legislacao/2014/diretrizes_cursos_diploma_licenciatura/diretrizes_licenciatura_pedagogia.pdf. Acesso em: nov/2015.
- _____. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial e Continuada dos Profissionais do Magistério da Educação Básica**. Brasília: CNE/CP, 2015.
- CUNHA, Maria Isabel da. **O bom professor e sua prática**. Campinas: Papirus, 1989.
- CUNHA, Maria Isabel da. **A relação professor-aluno**. IN: VEIGA, Ilma Passos Alencastro (Org.). Repensando a didática. 12.ed. Campinas: Papirus, 1996.
- DARLING-HAMMOND, Linda. **Reconhecer e potencializar a eficácia docente**: Guia para decisores políticos. In: FLORES, Maria Assunção. A avaliação de professores numa perspectiva internacional: sentidos e implicações. Coleção Saberes Plurais. Cambridge: Areal Editores, 2009. p. 197-235.
- DEMO, Pedro. **Professor do futuro e reconstrução do conhecimento**. 6ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional: formar-se para mudança e a incerteza**. 9ª Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

- LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora?** Novas exigências educacionais e profissão docente. 13ª Ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- LIBANELO, José Carlos; PIMENTA, Selma Garrido. **Formação de profissionais da educação: visão crítica e perspectiva de mudança.** Educação e Sociedade [online]. 1999, vol.20, n.68, pp. 239-277. ISSN 1678-4626. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v20n68/a13v2068.pdf>. Acesso: dez, 2015.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. **Tendências pedagógicas na prática escolar.** Filosofia da Educação. São Paulo: Cortez, 2005.
- MATOS, K. S. L.; VIEIRA, S. L. **Pesquisa Educacional: o prazer de conhecer.** Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, UECE, 2001.
- PERRENOUD, Philippe. **Dez novas competências para ensinar.** Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artmed. 2000.
- PIMENTA, Selma Garrido. Apresentação da coleção. IN: CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber às práticas educativas.** 1. ed. São Paulo: Cortez, 2013.
- RANGEL, Mary. **Representações e reflexões sobre o bom professor.** Vozes, 1994.
- SOUZA, Felix de Araújo. **O bom professor: um olhar do estudante de odontologia na perspectiva das representações sociais.** Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Educação. – Belo Horizonte, 2003.
- TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas.** 5ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.